

A Criação Renovada de Deus: Apelo à Esperança e à Acção
O Concílio de Bispos da Igreja Metodista Unida
Documento de Fundamentação

Prefácio

1. Há mais de 20 anos (Maio de 1986), depois de dois anos de estudo devoto e de troca de opiniões com especialistas em muitos domínios relacionados, o Concílio de Bispos Metodistas Unidos ofereceu uma carta pastoral e um documento de estudo intitulado, "Em Defesa da Criação: A Crise Nuclear e uma Paz Justa".¹ Tratava-se de uma mensagem urgente dirigida a todos os metodistas unidos e à Igreja em geral sobre a ameaça crescente de uma guerra nuclear e da extinção da vida neste planeta devido a um inverno nuclear. Era uma advertência urgente de que este mundo precioso pertence a Deus, "precioso, precisamente porque não é a nossa criação".² E assim, este documento declarava um "Não" categórico e bem claro a uma guerra nuclear e a qualquer uso de armas nucleares".³ Estes documentos receberam uma vasta atenção dos meios de comunicação, foram traduzidos em várias línguas e foram debatidos entre líderes do sector nuclear. A carta pastoral foi lida em voz alta ou foi publicada em boletins informativos em cerca de 90% das nossas congregações, sendo apoiada pelo documento de fundamentação e pelo guia de estudo e de acção. A Conferência Geral seguinte confirmou o documento como política e tomada de posição da Igreja Metodista Unida.

2. Em 2004, a Conferência Geral da Igreja Metodista Unida autorizou o Concílio de Bispos a visitar estes documentos ao "educar e encorajar a igreja, os cidadãos e os governos a procurar os factores que levam à paz".⁴ O resultado deste processo é uma nova carta pastoral e documento de fundamentação, intitulado "A Criação Renovada de Deus", os quais são apoiados por guias de estudo e por uma variedade de materiais baseados na Internet. "A Criação Renovada de Deus" mantém o firme compromisso do Concílio de 1986, nomeadamente em relação a que "a dissuasão nuclear é uma posição que não pode receber a bênção da igreja". Estes documentos, elaborados em 2009, também se baseiam nas observações do Concílio anterior, de que a crise nuclear ameaça o "próprio planeta terra", que a corrida às armas "destrói milhões de vidas em guerras convencionais, violência repressiva e pobreza maciça" e que a "corrida às armas é uma questão de justiça social e não unicamente uma questão de guerra e de paz".⁵ Depois de muitas décadas e de milhões de dólares, não estamos mais seguros ou em paz no nosso mundo, em que um número de nações cada vez maior pertence ao "clube nuclear".

3. O perigo nuclear actual faz parte de uma complexa “teia de desassociação” que as pessoas de fé e de boa vontade têm de confrontar. O Concílio de Bispos de 2009 expandiu o seu foco para incluir três ameaças inter-relacionadas:

- A pobreza e a doença ao nível de pandemia;
- A degradação ambiental e a alteração climática, e
- Um mundo inundado de armas e violência.⁶

4. Apesar de não sermos peritos sobre estas questões globais, somos peritos sobre a vida moral e ética que fortalece e que apoia as intenções de Deus para com a Criação. Como uma denominação global que se caracteriza por ser enérgica e diversa, dirigimo-nos como pastores à Igreja e às pessoas de boa vontade em todo o nosso mundo, apelando para a tomada de consciência, o estudo e a acção que nascem da esperança em vez do medo.

5. O desenvolvimento do documento “A Criação Renovada de Deus” reflecte o propósito da Igreja Metodista Unida em “Fazer Discípulos de Jesus Cristo para a Transformação do Mundo”. Sabemos que o mundo está a ser transformado e procuramos cooperar com o Espírito renovador de Deus, especialmente através das Quatro Áreas de Focalização da nossa denominação: (1) desenvolver líderes com princípios cristãos para a igreja e para o mundo, (2) criar novos locais para novas pessoas e renovar as congregações existentes, (3) empenhar-se no ministério com os pobres, e (4) erradicar as doenças mortais relacionadas com a pobreza. A focalização nestas quatro áreas moldará o nosso discipulado de tal forma que aqueles que procuram Deus poderão ver, através do nosso comportamento, uma imagem que é convidativa, encorajante, conciliadora e inspiradora. Este projecto, “A Criação Renovada de Deus”, contribui para a realização destes objectivos.

6. “A Criação Renovada de Deus” é uma voz animadora e uma demonstração de liderança rededicada pelos Bispos, com o intuito de empenhar, inspirar e incitar os metodistas unidos e as pessoas de boa vontade para terem uma consciência espiritual mais profunda como gestores e guardiões da criação. Estes documentos fazem lembrar a todos nós a possibilidade e a promessa da esperança e da renovação de Deus. Também nos desafiam a perguntar “que devemos fazer agora” para sermos verdadeiros discípulos de Jesus Cristo para abordarmos esta teia de ameaças? “A Criação Renovada de Deus” oferece ainda recomendações e directrizes para respondermos a esta pergunta sobre discipulado.

7. Além disso, estes documentos proporcionam o espaço para os indivíduos, as congregações e as entidades ecuménicas e inter-religiosas discernirem e implementarem

as suas próprias respostas, tendo em conta os seus contextos específicos. Como Bispos ao serviço de uma igreja global, sabemos que a nossa gente tem diferentes tipos de experiências em relação aos problemas da pobreza e da doença, da degradação do ambiente e das armas e da violência. Damos prioridade a estes problemas de forma diferente e temos variados níveis de capacidade e de recursos para os resolver. No entanto, também reiteramos que estes desafios *constituem uma ameaça comum para o nosso futuro partilhado*. Temos de tratá-los como desafios inter-relacionados e temos de trabalhar em conjunto, cada um de nós contribuindo como podermos para erradicar a pobreza e a doença, para pôr termo à destruição do nosso mundo natural e acabar com a nossa dependência das armas e da violência.

8. A Carta Pastoral e o Documento de Fundamentação partilham a nossa esperança e as nossas expectativas para a nossa Igreja Metodista Unida, assim como o poder e a influência que podemos proporcionar se trabalharmos através de uma actuação concertada, internacional, ecuménica e inter-religiosa. Este Documento de Fundamentação e o website em (www.hopeandaction.org) incluem listas de recursos essenciais, outras valiosas redes em linha e Resoluções fundamentais do Livro de Resoluções Metodista Unido que oferecem muitas ideias em relação a acções a tomar, assim como materiais pedagógicos. Uma barra cronológica para os estudos, a planificação das acções nas congregações e nas conferências e sugestões de formas para manter o contacto a fim de partilhar histórias e casos de tribulações, progresso e esperança, também se incluem. Recebam tudo isto com as nossas orações em que Deus será misericordioso e nos amparará com uma esperança responsável à medida que avançamos.

* * *

9. Durante muitas centenas de anos, “Os Povos do Livro” [“The People of the Book”], os judeus, os cristãos e os muçulmanos têm vivido e enfrentado tempos árdios de secas, incêndios, inundações e cheias, a fúria das águas e ventos tempestuosos, sustidos pela antiga sabedoria dos salmistas, que cantavam repetidamente a canção do “amor inabalável do Senhor”.

10. Hoje em dia, a família humana está a tomar consciência de notícias alarmantes: depois de vários milhares de anos de um clima estável que nos permitiu desenvolver e prosperar, a Terra está a aquecer a um ritmo cada vez mais acelerado. A alteração climática constitui uma especial ameaça para os pobres do mundo, porque contribui para uma maior propagação de doenças, tais como a malária e causa conflitos devidos à diminuição dos recursos naturais. A facilidade de acesso a armas de fogo ligeiras garante que esses conflitos possam infligir a morte e

o espectro de uma guerra nuclear que destruiria a terra, continua a avultar ameaçadoramente sobre nós.

11. Manifestamente, chegámos a *“uma articulação da história”*, um período revolucionário que apresenta grandes desafios. Mais uma vez nos voltamos para a sabedoria dos tempos antigos e lembramo-nos do desafio ressonante de Deus: “Eis que farei uma coisa nova, e agora sairá a luz: porventura não a sabereis?” (Isaías, 43:19) Será que não vemos os sinais de que Deus está a trabalhar durante esta crise?

12. *Enquanto a terra está a ser transformada, Deus abençoou os seres humanos com a capacidade de lerem os sinais dos nossos tempos e de responderem com inteligência e fé.*

13. *Os cientistas e os peritos eruditos seguem de perto as modificações que têm impacto sobre a nossa própria sobrevivência. Estão a clarificar as medidas que devemos tomar imediatamente para salvar as nossas florestas, os oceanos, o ar e os ecossistemas dos seres humanos e dos animais.*

14. *Mais do que isso: Deus tem inspirado os seres humanos para imaginarem futuros novos e para inventarem as ferramentas necessárias a fim de fazer deles uma realidade: tecnologias para substituir combustíveis fósseis por energia eólica (força do vento) e solar; novas formas de transportes, “empregos verdes” (sector do ambiente e das energias renováveis) e, guias para reduzir as “pegadas de carbono”. Milhares e milhares de pessoas em coligações comunitárias e religiosas, congregações, empresas e explorações agrícolas já estão a actuar para levar a cabo modificações de formas silenciosas, persistentes e profundas.*

15. *E mais ainda: Deus está a pôr as pessoas em contacto umas com as outras para que planeiem e respondam às realidades emergentes: as povoações, as vilas e os governos locais exortam e guiam aqueles que estão perto para partilhar uma causa comum; as cidades, os estados e as nações identificam as necessidades especiais dos seus cidadãos e põem em prática soluções; as Nações Unidas e as agências internacionais investigam e estudam os problemas de natureza global, identificam soluções e formam as organizações para resolvê-los. Os responsáveis públicos estão a trabalhar a um ritmo desenfreado para reformular as regras de*

empenhamento entre os seres humanos e a terra. O que possibilita tudo isto é uma rede espantosa de sistemas, nomeadamente um sistema monetário a nível mundial, um sistema industrial e sistemas de transporte e de comunicações, tais como a família de seres humanos jamais havia visto.

16. *E finalmente:* As comunidades cristãs e inter-religiosas estão a falar com ousadia sobre a natureza inter-relacionada da crise actual. Por exemplo, a “Declaração Ecuménica sobre a Paz Justa”, cuja versão preliminar está a ser redigida actualmente pelo Conselho Mundial das Igrejas, menciona a justiça, a paz e a integridade da criação.

17. *Por que razão é que tudo isto está a acontecer?* Porque os povos do mundo estão a analisar os sinais atentamente – *vemos claramente que Deus está a fazer algo de novo e que Deus está a convidar a família humana a participar na transformação.*

Apelo para proferir palavras de esperança e chamar à acção

18. Em 2004, a Conferência Geral da Igreja Metodista Unida tomou uma medida explícita em relação a este movimento pedindo ao Concílio de Bispos que oferecesse palavras de esperança e apelasse para a acção, tendo em conta a tripla ameaça à paz, aos povos e ao planeta Terra. Este Documento de Fundamentação constitui uma parte da nossa resposta, como vossos Bispos, para além de uma Carta Pastoral, guias de estudo e numerosos recursos baseados e obtidos através da Internet.

19. Este Documento de Fundamentação:

- Descreve a natureza interdependente da pobreza e da doença, a degradação do ambiente e as armas e a violência através das experiências e casos das pessoas que são mais afectadas;
- Partilha informações sobre as escrituras e os princípios cristãos e a nossa herança wesleyana, com vista a oferecer uma fundamentação para a nossa resposta;
- Recomenda uma variedade de acções e
- Lembra-nos que o Espírito Santo nos orienta e que existem excelentes fontes de encorajamento e de esperança à nossa volta.

Ouvindo com mentes abertas e corações abertos

20. Durante os últimos dois anos, os Bispos têm pedido aos metodistas unidos em todas as regiões da nossa denominação (a África, a Europa e a Ásia, as Filipinas e os Estados Unidos), assim como aos seus colegas ecumênicos e inter-religiosos que nos comuniquem as suas preocupações, as suas próprias respostas às crises e aquilo que esperavam ouvir na Carta Pastoral e neste Documento de Fundamentação. Os pedidos mais persistentes mencionavam que devíamos:

- Apaziguar o medo, a ansiedade, a frustração e as preocupações referentes às gerações futuras;
- Liderar uma confissão da nossa avidez e do nosso egoísmo;
- Ajudar a lembrar os nossos fundamentos bíblicos e teológicos e a paixão de Wesley pela santidade social;
- Apelar para a transformação de estilos de vida, sistemas e estruturas;
- Prestar especial atenção ao sentimento de urgência, de impaciência e de cinismo, sentidos pelos nossos jovens;
- Dar o exemplo, como Bispos, de como viver e trabalhar em comunidades sustentáveis;
- Sugerir o que podemos fazer, através da oração, do estudo e da acção; e
- Orientar a nossa viragem do medo e das preocupações para a Esperança e a Acção.

21. Este Documento de Fundamentação complementa a Carta Pastoral na medida em que serve de referência para a reflexão, o estudo e a acção em oração de forma devota. Permite-nos conhecer as experiências, os casos e as caras de pessoas que são vítimas de estruturas e de sistemas injustos. Descreve o contexto de ministério, à medida que planeamos e nos juntamos a outras pessoas. Ajuda-nos a prepararmo-nos espiritual e mentalmente para sermos instrumentos do trabalho de renovação de Deus. “A Criação Renovada de Deus” faz-nos sair do isolamento e do medo para as ruas das nossas comunidades e do nosso mundo com um sentimento de esperança e promessa porque *não podemos ajudar o mundo até mudarmos a nossa forma de estarmos nele*.

Uma Análise Honesta da nossa Situação

22. Devemos preparar os nossos corações e as nossas mentes virando-nos para Deus, colocando toda a ansiedade, a perda e a dor perante Aquele que está sempre presente em momentos difíceis. E, com a graça de Deus, lembramo-nos da história que nos guia e que nos ampara, nos responsabiliza pelos nossos actos e nos dá esperança. É a história que começa com

a amantíssima dádiva da criação por Deus e que culmina com a promessa de Deus de renovação para todos. É a história da Palavra transformada em matéria, da Incarnação, da presença de Deus conosco. É a história do ministério de Jesus para com os mais vulneráveis, a sua denúncia da violência, da avarice e da opressão o seu apelo ao discipulado. É a história da ressurreição, do triunfo da vida sobre a morte e da promessa de uma nova vida em Cristo. É também a história da transformação, do antigo ao novo, das feridas para a cura e, da injustiça e violência para a protecção da justiça e da paz.

23. Temos um papel a desempenhar nesta história, mas não o temos desempenhado fielmente. Deus confiou-nos a criação. Todavia, em vez de cuidarmos fielmente do nosso pacífico planeta e dos seus povos, abandonámos os pobres, poluímos o nosso ar e as nossas águas e enchemos as nossas comunidades com instrumentos de guerra. Voltámos as costas a Deus e uns aos outros. Ao obstruir a vontade de Deus, contribuímos para a pobreza e a doença ao nível de pandemia, para a degradação do ambiente e a proliferação das armas e da violência.⁷ Em todo o mundo, sentimos os efeitos deste trio interligado de diferentes maneiras e em situações diferentes. No entanto, sem dúvida que todos estamos a viver os elementos da mesma tempestade.

24. A tempestade intensifica-se à medida que as forças poderosas redemoïnham em conjunto...

Para ter impacto sobre a pobreza: a **crise económica mundial** enquanto os sistemas criados com base no interesse pessoal e na fraude devassam a economia mundial; a **crise dos recursos** à medida que os alimentos, a água e a energia começam a escassear; a **crise da justiça e da pobreza** à medida que a separação entre os ricos e os pobres continua a aumentar; a **crise da saúde a nível global**, enquanto milhões de pessoas morre de doenças evitáveis, tais como a malária, o HIV/SIDA e a tuberculose, causadas pela pobreza; e a **crise dos refugiados**, enquanto milhões de pessoas são deslocadas pela violência, as catástrofes naturais e a perda de empregos.

25. Para ter impacto sobre o ambiente: a **crise da energia** à medida que as reservas do petróleo se esgotarão dentro de duas ou três décadas; a **crise climática** à medida que as emissões dos gases com efeito de estufa ameaçam queimar a terra e que a desertificação desgasta a terra fértil, o gelo polar está a derreter, as estações dos incêndios são mais longas e as

cheias costais e as tempestades violentas aumentam de número; a **crise da diversidade biológica** enquanto pelo menos um quinto de todas as espécies de plantas e de animais estão em risco de extinção por volta de 2050.

26. Para ter impacto sobre as armas e a violência: a **crise do armamento** enquanto a ameaça de um ataque nuclear, biológico e químico se avulta assustadoramente e os recursos preciosos são vertidos no fosso da fútil corrida ao armamento⁸; a **crise das armas ligeiras** enquanto cerca de 639 milhões de armas ligeiras circula pelo mundo e se calcula que o comércio ilegal de armas ligeiras esteja perto de mil milhões de dólares; ⁹ a **crise da “segurança”** enquanto o mundo inteiro gastou mais de 1,2 biliões de dólares em 2007, nas suas forças armadas, tendo os Estados Unidos gasto 45% deste montante.

27. Dado que estas ameaças estão estreitamente ligadas, cada uma delas agrava os efeitos das outras. Isto quer dizer que as pessoas e o planeta se ressentem dos efeitos cumulativos desta tempestade. Além disso, a natureza inter-relacionada destas ameaças dificulta extraordinariamente alcançar um verdadeiro progresso sobre qualquer problema particular. Sentimo-nos completamente acabrunhados por complexas *teias de desassociação*: a injustiça contra os emigrantes, a escassez dos recursos aumentada devido à guerra, às crises de energia, ao racismo ambiental, à globalização económica e à violência contra os mais vulneráveis, especialmente as mulheres e as crianças.

As vidas ameaçadas pela tempestade

28. Cada pessoa afectada por este trio de ameaças tem uma história. Eis aqui apenas algumas das que temos ouvido.

29. Das Filipinas, soubemos que a Rosalie, que tinha 7 anos de idade, morreu a 21 de Novembro de 2007. “Ela era uma das pessoas que sofriam de fome extrema em Rapu-rapu, uma comunidade piscatória em Albay, Bicol, um local cujo meio ambiente tinha sido devastado e onde as fontes de subsistência tinham sido interrompidas desde que a sociedade mineira tinha dado início à sua exploração”.¹⁰ A Rosalie morreu de fome quando voltava para casa vinda da escola.

30. Os nossos Bispos em Angola falam-nos das minas terrestres que tornam as terras de cultivo inutilizáveis. As terras continuam simplesmente de pousio, dado que cultivá-las seria mortal e remover as minas terrestres é demasiado caro e perigoso. Angola é um dos 82 países afectados pelas consequências das minas terrestres que são fabricadas em outros 15 países. A estimativa mais conservadora é que a remoção das minas terrestres custa 100 vezes mais do que fabricá-las. Cerca de 15 mil a 20 mil pessoas são feridas ou mortas por minas terrestres todos os anos.¹¹

31. Numa parte das Montanhas Apalaches, situadas na zona leste dos Estados Unidos, cerca de 1.000 toneladas de explosivos são utilizados todos os dias para fazer explodir e saltar os cumos de montanhas e de cumeadas para chegar aos veios de carvão que se encontram por baixo. A explosão dos topos das montanhas destrói a fauna e a flora desses ambientes, causa derrocadas, cheias e inundações e polui as ribeiras, originando também perigos a longo prazo para a saúde, o bem-estar e a segurança. Se continuar a este ritmo, a explosão dos topos das montanhas minará cerca de 1,4 milhões de acres (cerca de 567.000 hectares) nos Estados Unidos até 2010. Esta superfície é maior do que a do estado de Delaware, nos Estados Unidos.¹²

32. **A Promessa de Deus e o nosso Propósito**

“Porque eu bem sei os pensamentos que penso de vós, diz o Senhor; pensamentos de paz e não de mal, para vos dar o fim que esperais”. (Jeremias 29:11)

33. Compreende-se a razão pela qual sentimos o desespero quando olhamos para este mundo destruído e sofredor. Mas a destruição e o sofrimento não representam a complexidade total da situação. Fazem parte da nossa experiência, mas não constituem a sua síntese total. No meio da corrupção, há honestidade; no meio da avidez, há generosidade; no meio de massacres há compaixão; no meio da destruição, há criação; no meio da devastação, há preservação; no meio da apatia, há uma indignação justa, uma insatisfação piedosa e uma paixão pelo possível. Se olharmos com atenção, vemos as sementes da esperança que podem ser cultivadas pelo Espírito de Deus.

34. Na África oriental, os estivadores ou descarregadores de porto recusam-se a descarregar um barco estrangeiro que transporta armas ligeiras de contrabando. Fazendo aquilo que podem

para pôr cobro aos massacres no seu continente, também entram em contacto com outros descarregadores de porto que recusam o carregamento quando este chega mais a sul.

35. Os metodistas unidos de Lage, na Alemanha, forjam uma parceria com pessoas de Cambine, em Moçambique, com vista a fomentar a energia solar. Instalaram painéis solares no telhado da maternidade e hospital local e no seminário de teologia. Ao primeiro menino que nasceu nesta maternidade depois da instalação dos painéis solares, foi dado o nome de “Solarino” para celebrar as energias renováveis que trazem uma nova vida à criação de Deus.

36. Em várias cidades dos Estados Unidos, pessoas de fé estão a trabalhar para acabar com a prática corrente de aquisição de armas de fogo chamada “*straw purchase*”, através da qual as armas de fogo compradas legalmente são “passadas” para as mãos daqueles que não as podiam comprar legalmente para si próprios. Sob o slogan ou lema de “Prestar Atenção ao Apelo de Deus”, voluntários contra a violência tentam consciencializar os comerciantes de armas dirigindo-se a estes directamente para lhes pedir que aceitem a responsabilidade do papel que desempenham em relação à violência e para acabarem voluntariamente com esta prática destrutiva.

37. Desde que 14 operários foram mortos nas Filipinas durante uma greve dos trabalhadores em 2004, membros da Igreja Metodista Unida e adultos e jovens de outras denominações têm-se organizado semanalmente para visitar trabalhadores, ouvir os seus casos, testemunhar as suas lutas, visitar organismos estaduais (o Congresso ou Assembleia Legislativa), fazer circular petições e renovar a sua determinação para trabalhar a favor da justiça e da paz. Estas experiências enriquecedoras e inesquecíveis, tais como partilhar os pontos fortes, os receios, a vulnerabilidade, assim como a fé e o amor, capacitam os jovens que têm fé em Deus para optar pela esperança no meio do desânimo.

38. As histórias sobre a nossa indiferença e a destruição uns dos outros e da terra, aparecem muitas vezes nos cabeçalhos dos jornais. No entanto, actos de perseverança, de compaixão, de cuidado e de inovações positivas, acontecem todos os dias em todos os cantos do nosso mundo. Agora mesmo, existe alguém que está a escrever uma carta para manifestar a sua oposição a uma prática discriminatória ou para defender os trabalhadores que são tratados injustamente ou para apoiar a ratificação de uma proibição de armas. A Comissão de Socorros Metodista

Unida (UMCOR - United Methodist Committee on Relief) está a estabelecer centros e sessões de formação e treino de resposta a catástrofes para “evitar que algo de mau se torne pior”.¹³ Alguém está à cabeceira da cama de outra pessoa para confortá-la. Num centro comunitário, um instrutor prepara e ensina um grupo a utilizar métodos de resistência não violentos a fim de mudar uma situação sem recorrer à violência.

39. Algures, há uma nova escola que se abre e um novo poço que começa a funcionar. As pessoas desempacotam caixas de medicamentos e mosquiteiros. As crianças educam os seus pais e mães sobre o aquecimento global e as organizações examinam as suas pegadas de carbono. Começam a estar disponíveis no mercado novas formas de transporte: automóveis híbridos, automóveis eléctricos, automóveis movidos a hidrogénio e a gasóleos (diesel) que poluem menos e que não causam doenças respiratórias às crianças enquanto os veículos roncam pelos bairros. Com as ferramentas que as organizações ecuménicas fornecem, as congregações estão a fazer verificações de consumos de energia, a reciclar materiais, a substituir aparelhos e electrodomésticos que consomem demasiada energia e a instalar painéis solares e turbinas de vento ou eólicas.

40. Não importa que as coisas parecem ser tão desanimadoras; não importa quão sobrecarregados e ansiosos nos possamos sentir; não importa quão apáticos ou cínicos nos tenhamos tornado, Deus já está a trabalhar no mundo. Devemos apenas *abrir os nossos olhos* para ver a visão de Deus, *abrir os nossos corações* para receber a graça de Deus e *abrir as nossas mãos* para fazer o trabalho que Deus nos confiou.

41. **Abrimos os nossos olhos** à visão de Deus para esta criação renovada, ao Espírito de Deus activo no mundo e ao nosso papel como canais da bênção de Deus. Quando abrimos os nossos olhos à visão de Deus, deixamos de ver uma lista de problemas isolados que afectam as pessoas, as plantas e os animais desconectados. Em vez disso, vemos um sistema interconectado que “geme e está juntamente com dores de parto” (Aos Romanos 8:22). Vemos que as ameaças à paz, às pessoas e ao planeta Terra estão relacionadas umas com as outras e a visão de Deus abrange a saúde global completa. Quando abrimos os nossos olhos à visão de Deus para a renovação da criação, também vemos claramente as formas através das quais obstruímos o processo de Deus. Quando abrimos os nossos olhos à presença do Espírito renovador de Deus no mundo, celebramos todos os actos caridosos, todas as práticas justas, todas as posições

firmes e corajosas a favor da paz, todos os momentos de reconciliação, todas as abolições de violência e todos os habitats restaurados como um vislumbre do Reino de Deus, como uma “presença que se parece com uma semente daquilo que se deseja”.¹⁴

42. Podemos pensar que abrir os olhos é uma disciplina espiritual ancorada na compreensão de John Wesley da “imagem natural de Deus” (*Works* 2:188).¹⁵ Este é o equipamento básico que nos foi dado pelo nosso Criador como seres espirituais para sermos não só independentes, mas ao mesmo tempo para nos relacionarmos com Deus e com o próximo. O primeiro destes dons é a *razão*, ou seja, a capacidade humana para discernir a ordem e as relações, para compreender como as coisas funcionam e para tomar decisões com base no nosso discernimento e opinião pessoal. O segundo dom é a nossa *vontade*, a capacidade de nos dedicarmos a Deus, às pessoas, e aos nossos objectivos e a capacidade de realizá-los. O terceiro dom é a nossa *liberdade*. Deus não quer autómatos. “Uma mera máquina”, não é moralmente responsável, diz Wesley. A responsabilidade humana requer a liberdade (*Works* (Jackson) 10:234).

43. Por conseguinte, reflectimos a imagem natural de Deus quando exercemos a nossa razão para compreender correctamente e discernir com bom senso e, quando respondemos à graça de Deus exercendo livremente a nossa vontade para escolher o bem e resistir ao mal. Abrimos os nossos olhos para entender o mundo correctamente, compreender o nosso papel e as nossas responsabilidades e exercer uma boa capacidade crítica.

44. **Abrimos os nossos corações** para confessar o nosso pecado, para receber a graça de Deus, para discernir o apelo de Deus e para nos sentirmos fortalecidos pelo Espírito de Deus que nos ampara. Não estamos a iniciar estas acções; em vez disso, estamos a responder ao convite misericordioso de Deus para nos juntarmos à renovação da criação feita por Deus. Deus convida-nos, com todas as nossas imperfeições a participar neste trabalho. Abrimos os nossos corações para podermos mudar. Abrimos os nossos corações para sentir a presença de Deus conosco enquanto trabalhamos. Abrimos os nossos corações “para que possamos ancorar as nossas almas em Aquele que é justo, que renova a nossa força para que o trabalho seja feito”.¹⁶

45. Abrimos os nossos corações para encarnar “a imagem moral de Deus”, segundo as próprias palavras de Wesley (*Works* 2:188). Não se trata de algo que possuímos, mas que só nos pertence na medida em que continuamos a recebê-lo da Fonte. Encarnamos a imagem moral de

Deus quando recebemos a graça de Deus e, em seguida reflectimos essa graça para o mundo. Wesley descreveu este processo de receber e de reflectir a graça de Deus, através da imagem do sopro, chamando-lhe “respiração espiritual”: “Deus sopra na alma e a alma sopra aquilo que recebeu de Deus; uma *acção* contínua de Deus sobre a alma e a *re-acção* da alma sobre Deus”. (*Works* 1:442)

46. **Abrimos as nossas mãos** para responder ao Espírito e para realizar o trabalho que Deus nos pede para fazer. Como seres humanos criados à imagem de Deus, temos uma responsabilidade especial de cuidar da dádiva da criação. Wesley chama a isto “a imagem política de Deus” (*Works* 2:188). Muitas vezes, vivemos como se “tendo sido criados à imagem de Deus”, isso nos concedesse um privilégio especial, mas trata-se de um erro grave. O facto de sermos seres humanos aumenta a nossa *responsabilidade*, e não o nosso *privilégio*. Sermos criados à imagem de Deus significa que somos responsáveis por cuidar deste mundo e não somos convidados a abusá-lo.¹⁷ Praticar a justiça, edificar a paz e “concertar” o planeta são formas de cuidar daquilo que nos foi dado. No entanto, não somos encarregados de cuidar da propriedade de um senhorio ausente; mais propriamente o Espírito renovador de Deus trabalha através de nós e manifesta-se à nossa volta insuflando uma nova vida no planeta e nos seus povos.

47. "Agora, somos os mordomos de Deus", declara Wesley. "Devemos a Deus tudo aquilo que temos... Um mordomo não tem liberdade para usar à sua vontade aquilo que lhe é confiado, mas sim segundo a vontade do seu mestre... Ele não é o proprietário de nenhuma destas coisas, mas estas mal lhe foram confiadas por outrem". (*Works*, 2:283). O cuidado da Terra foi-nos confiado. Nós somos os "canais das bênçãos de Deus" para as outras criaturas e para a própria Terra (*Works*, 2:440).

De olhos abertos, vemos a visão de Deus

48. De olhos abertos, vemos a visão de Deus para toda a criação. A nossa compreensão cristã do Reino de Deus está profundamente inspirada pela tradição profética hebraica que formou Jesus. Por isso é que pensamos muitas vezes na profecia de Isaías como uma descrição do Reino de Deus:

E nunca mais se ouvirá nela [Jerusalém] voz de choro nem voz de clamor. Não haverá mais nela criança de poucos dias, nem velho que não cumpra os seus dias... E edificarão

casas e as habitarão; e plantarão vinhas e comerão o seu fruto... Não trabalharão debalde, nem terão filhos para a perturbação. (Isaías 65:19b, 20, 21, 23)

Esta é uma visão englobante de bem-estar. As pessoas e a terra estão sãs e salvas. É a visão da paz (*Shalom*), que inclui “viver em harmonia e segurança a fim de alcançar a alegria e o bem-estar de todas as outras criaturas”.¹⁸ É uma visão de plenitude.

49. Na sua carta aos Romanos, Paulo dá-nos uma visão de glória que abrange toda a criação. “Porque sabemos que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto, até agora”, escreve ele. Mas, “a mesma criatura será libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus”. (Aos Romanos 8:22, 21). Deus não só ofereceu o dom da criação, mas também promete a sua renovação.

50. Quando pregava sobre este texto, John Wesley sublinhava o seu significado de “criação bruta ou animal”. “Enquanto as criaturas [de Deus] ‘estão juntamente com dores de parto’, [Deus] conhece toda a sua dor”. Continua ele, “Na nova terra, assim como nos novos céus, não haverá nada que cause a dor, mas tudo o que a sabedoria e a bondade de Deus possam criar para oferecer a felicidade”. Deus oferece a promessa de salvação a toda a criação e não só apenas aos seres humanos. (Works 2:445). A obra da salvação de Deus tem proporções cósmicas.

51. Na Epístola aos Colossenses, lemos que a obra de Cristo para a reconciliação e a unificação abrange também toda a criação. Como “o primogénito de toda a criação”, Cristo “é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele”. “Porque foi do agrado do Pai que toda a plenitude nele habitasse, e que [...], por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra, como as que estão nos céus”. (Aos Colossenses 1: 15 – 20). Assim, a ressurreição serve de “garantia ou promessa da redenção total que virá”.¹⁹ A renovação da criação é a promessa de Deus.

52. Os autores do evangelho, com muita frequência, descrevem Jesus como “pregando o Evangelho do reino e curando todas as enfermidades e moléstias entre o povo”. (Mateus 4:23). Para Jesus, curar e pregar o Reino de Deus faziam parte do mesmo ministério. Este processo de preparação para o Reino de Deus, de renovação da criação, é semelhante ao processo da cura. Deus está a curar o planeta.

53. John Wesley recorria com firmeza a esta linguagem de cura nas suas próprias pregações e ensinamentos. Na verdade, uma das suas metáforas favoritas para Deus era “o Grande Médico” (*Works* 2:184). Segundo Wesley, Deus preocupa-se fundamentalmente com o bem-estar. A salvação é compreendida de forma holística, como santidade e felicidade completas. Quando alargamos essa noção de salvação ao planeta, vemos que a obra de Deus de renovação da criação é abrangente. Nas mãos do Grande Médico, todos os aspectos do nosso mundo são curados ou estão de boa saúde. A pobreza e a doença, a degradação do ambiente e a violência são sintomas da nossa saúde precária. Deus está a trabalhar a bem da saúde do corpo inteiro. Se quisermos vir a ser instrumentos do trabalho de renovação de Deus no mundo, devemos fazer incidir os nossos esforços sobre a cura do nosso corpo colectivo.

De olhos abertos, vemos as relações

54. De olhos abertos, vemos as relações entre pobreza e doença, a degradação do ambiente e a proliferação das armas e da violência. Apesar de parecer que os problemas são mesmo mais difíceis de ultrapassar por causa dessas relações, abordá-los separadamente é menos eficaz. Para diagnosticar a nossa situação correctamente e conceber um plano viável para a saúde, devemos reconhecer e responder às formas através das quais as ameaças específicas se relacionam umas com as outras. Por exemplo, não podemos resolver a pobreza global sem resolver a falta de água que piora todos os dias devido ao aquecimento global. Não podemos pôr termo à proliferação das armas sem examinar a diminuição dos recursos naturais ou minerais como causas de conflitos violentos. Não podemos falar sobre a necessidade de cuidados de saúde, escolas, estradas e poços sem reavaliar os montantes que gastamos em armas.

55. Apesar de podermos dar prioridades diferentes à pobreza e doença, à degradação do ambiente e às armas, à luz das nossas experiências individuais, não devemos perder de vista as conexões que existem entre elas. E devemos rejeitar as políticas e as práticas que lançam as vítimas destes problemas umas contra as outras. Devemos considerar que estes problemas estão inter-relacionados, com três anéis ligados uns aos outros, de maneira que uma solução para um melhore a situação dos outros.

56. No seu “Memorando sobre o Aquecimento Global e a Alteração Climática”, o Conselho Mundial de Igrejas capta a relação entre a degradação do ambiente, a pobreza e a doença.

Aquelas que são e serão cada vez mais afectadas [pela alteração climática] são as pessoas que fazem parte das comunidades empobrecidas e vulneráveis da zona Sul global, que dependem muito mais de recursos naturais para a sua subsistência e não tem os meios para se adaptarem às alterações. A desflorestação em África, na Ásia e na América Latina; o aumento das doenças transmitidas por vectores (como a dengue ou a malária) nas regiões de altitude mais elevada em África, como consequência da subida da temperatura; a migração, a deslocação e a repopulação forçadas das populações como resultado da subida do nível do mar, particularmente no Pacífico; estes são alguns dos impactos que continuarão a aumentar a pressão sobre os pobres e sobre as comunidades vulneráveis.²⁰

Citando o relatório de 2007 do Painel Intergovernamental de Peritos sobre Alteração Climática, a Rede Ambiental Evangélica diz-nos que “40 a 170 milhões de pobres a mais, poderiam estar em risco de sofrer fome e malnutrição durante este século” devido à diminuição da produção agrícola. “Um a dois mil milhões de pessoas que já vivem uma situação de stress hídrico ou de escassez de água, poderiam sofrer mais uma redução da disponibilidade de água”.²¹

57. Muitos parceiros globais têm estado a trabalhar arduamente sobre os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio das Nações Unidas — objectivos para reduzir o número de pobres extremos do mundo, fazendo face aos problemas inter-relacionados da pobreza extrema, da doença, do desenvolvimento sustentável, da globalização, da educação e dos direitos humanos. Mas a luta não será facilmente vencida. “Vendo através dos olhos dos pobres e dos esfomeados... podemos ver como uma multiplicidade de crises — da alimentação, de combustível e das finanças — têm desfavorecido grandemente os próprios beneficiários dos Objectivos da ONU. Não podemos assumir que as crises inumeráveis que enfrentamos diariamente — a crise alimentar, a crise financeira, a crise da energia e a crise climática — vão ser resolvidas por responsáveis políticos, sem falar das próprias pessoas e forças que nos levaram à beira destas crises”.²²

58. Desviar recursos para o fabrico e a compra de armas também piora o problema da pobreza. Desde longa data que temos conhecimento deste facto. Dwight Eisenhower, um dos presidentes dos Estados Unidos, afirmou em 1953, “Todas as armas que são fabricadas, todos os navios de guerra que são lançados à água, todos os foguetões que são disparados constituem, de certo modo, um roubo de todos aqueles que têm fome e não são alimentados, daqueles que têm

frio e não têm que vestir”.²³ Também vemos que os pobres do mundo, especialmente as mulheres, as crianças, os idosos e as pessoas que pertencem a minorias raciais e étnicas, sofrem as pesadas consequências da diminuição dos recursos naturais e das precárias condições de vida a que estão sujeitas. Sabemos que os pobres e os fracos vivem em terras e águas poluídas, enquanto os outros se encontram onde “as pastagens são mais verdes”. E, para muitas comunidades, passarem a ser ecologicamente conscientes (“verdes”), isso implica despesas a curto prazo de forma que as vantagens a longo prazo continuam a ficar fora do alcance dos pobres. Por conseguinte, “não podemos separar a situação crítica dos pobres da situação crítica do planeta ... Aqueles que são menos responsáveis por criar este problema, são os mais vulneráveis aos seus efeitos”.²⁴

59. Em todo o mundo, os preciosos recursos naturais em diminuição originam e alimentam conflitos violentos. Na República Democrática do Congo, por exemplo, as milícias violam as mulheres, raptam as crianças para serem soldados ou escravos sexuais e queimam as aldeias, na luta que travam para controlar as terras ricas em minerais. Em outros casos, a terra não é necessariamente a causa do conflito, mas passa a ser a consequência. Terras de cultivo juncadas de minas terrestres são apenas um exemplo disso. Uma prática de guerra antiga que consiste na destruição intencional da terra para que as comunidades sejam completamente deslocadas.

60. Enquanto as armas convencionais já estão a destruir a criação a pouco e pouco, as armas nucleares “poderiam transformar o planeta e todos os seus habitantes num deserto desolado de poeira e de cinzas”.²⁵ Além disso, como comunidade global, ainda não resolvemos o dilema da eliminação prudente e segura dos detritos radioactivos e nucleares, que põem as nossas vidas em perigo. A nossa situação geopolítica tem mudado radicalmente desde a Guerra Fria, mas como o actual presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, declarou recentemente, “A ameaça de uma guerra nuclear mundial diminuiu, mas o risco de um ataque nuclear aumentou”.²⁶ E já fez dois anos que uma equipa de quatro “patriarcas da Guerra Fria” apelou com urgência para a eliminação total de armas nucleares, incluindo um compromisso reforçado para com o Tratado de Não Proliferação Nuclear, a eliminação de todos os arsenais nucleares das potências nucleares, a ratificação do Tratado de Interdição Completa de Ensaio Nucleares, banindo todas as explosões nucleares e um esforço internacional conjunto para eliminar todas as armas nucleares, passo a passo e de uma forma verificável.²⁷

61. Quando consideramos toda a criação como um só organismo, sabemos que a nossa saúde colectiva não poderá ser realizada enquanto alguns continuam a sofrer. Há quarenta anos, o Reverendo Dr. Martin Luther King, na sua cela da prisão de Birmingham, escreveu estas famosas palavras: “A injustiça onde quer que seja, constitui uma ameaça à justiça em toda a parte”. Redigido durante a crise económica de 2009, o documento intitulado *Uma Mensagem para as Pessoas da Igreja Metodista Unida [A Message to the People of The United Methodist Church]* contém esta afirmação, “Não temos mais segurança do que os mais vulneráveis entre nós; não somos mais prósperos do que os mais pobres; e não temos mais garantias de justiça e dignidade do que aqueles que vivem nas sombras do poder, destituídos de justiça e equidade”.²⁸ Como discípulos de Jesus Cristo, que mostrou uma preocupação especial pelos membros mais vulneráveis da sociedade, *devemos estar de olhos bem abertos e atentos às maneiras através das quais a degradação do ambiente e a violência prejudicam particularmente os pobres e os marginalizados.*

62. A combinação mortal da pobreza, degradação do ambiente e violência ameaça a criação inteira, mas constitui um risco ainda maior para as sociedades e comunidades habitadas por pessoas de cor. Por toda a Europa e as Américas, comunidades de minorias raciais e étnicas sofrem as consequências nefastas de poluentes perigosos provenientes de fábricas, de laboratórios e de centrais de energia nuclear, do despejo de detritos tóxicos, da exploração mineira da terra para combustíveis fósseis e da substituição ou destruição de comunidades ou bairros pela construção de auto-estradas e de edifícios comerciais.

63. Por exemplo, durante décadas, as tribos e as reservas de índios da América do Norte, também chamados ameríndios, na região do Oeste dos Estados Unidos têm enfrentado o mais grave perigo, proveniente de esforços públicos e privados para a extracção de urânio e para o transporte e armazenamento de detritos nucleares e materiais radioactivos nas suas terras. A maior parte dos detritos perigosos destinados a estas terras são os refugos provenientes da produção de armas de guerra. Os membros e os aliados do povo Shoshone na zona do Oeste ainda continuam a lutar contra os esforços do governo dos Estados Unidos para enterrar detritos atómicos na Montanha Yucca, situada no estado de Nevada, um local sagrado para esta tribo. Quando o chefe tribal, Ian Zabarte, acusou os responsáveis americanos de “racismo ambiental”, em 2007, durante uma audiência pública, todas as pessoas presentes na sala aplaudiram, demonstrando a dor e a cólera sentida por muitos índios nativos americanos

relativamente a esta poluição potencialmente mortal das suas terras e dos seus recursos hídricos. Os povos indígenas têm muito a ensinar ao mundo sobre os seus conhecimentos referentes à terra e sobre as consequências decorrentes da degradação e conspurcação da terra²⁹.

64. São as mulheres quem mais sofre com a pobreza e a doença, a degradação do ambiente e as armas e a violência. Cerca de 70% dos pobres do mundo são mulheres e crianças, muitas delas vivendo em regiões onde o alojamento é limitado e mínimo e a vida diária árdua. Por estas razões, as mulheres e as crianças sofrem muito quando são vítimas de catástrofes naturais exacerbadas pela alteração climática³⁰. Tradicionalmente, as mulheres são responsáveis pela sobrecarga da produção alimentar do lar, tanto em África como na Ásia, enquanto os homens têm tendência em concentrar-se em culturas para vender ou migram para as cidades em busca de trabalho pago. No entanto, as mulheres possuem uma percentagem mínima da terra arável existente no mundo — alguns dizem que tão pouco como 1%³¹.

65. Os conflitos civis e a degradação do ambiente tornam cada vez mais difícil e mesmo com risco de morte as possibilidades que as mulheres têm de satisfazer as necessidades diárias das suas famílias. Todos os dias, as mulheres estão sujeitas a serem violadas e a outras formas de violência, enquanto vão apanhar lenha e buscar água potável. A violação e a escravidão sexual são instrumentos de guerra, de tal forma que as mulheres e as raparigas que vivem em zonas de conflito são alvo de numerosas formas de violência³². Em todo o mundo, uma de cada três mulheres é vítima de alguma forma de abuso durante a sua vida³³. Além disso, em locais demasiado numerosos, às mulheres é negado o direito de poderem tomar decisões sobre os processos que se referem às questões que afectam tão profundamente o seu bem-estar. As mulheres e as crianças são verdadeiramente os seres mais vulneráveis da nossa família global.

De corações abertos, reconhecemos a nossa cumplicidade

66. Na nossa discussão sobre “A Comunidade Mundial”, que faz parte dos Princípios Sociais da Igreja Metodista Unida, reconhecemos este facto: “Algumas nações possuem mais poder militar e económico do que outras” (§ 165. B). Algumas nações consomem os recursos do mundo mais do que outras, produzem mais detritos do que outras e fabricam mais armas do que outras a nível mundial. Por exemplo,

Vinte por cento da população mundial, é responsável por 76% do consumo privado de bens, tais como a electricidade, o papel, a carne e o peixe e a utilização de veículos.³⁴

“Meramente 12% da população mundial utiliza 85% da água do mundo e estes 12% não vivem no Terceiro Mundo”.³⁵

Os Estados Unidos são o maior fornecedor de armas convencionais do mundo, tendo vendido 38% de todas as armas compradas entre o ano 2000 e 2007 — cerca de metade destas armas foram vendidas ou transferidas para países em vias de desenvolvimento.³⁶

67. Existem muitas maneiras de nomear as diferenças entre nós: O Norte global e o Sul global; o primeiro mundo e o terceiro mundo; o primeiro mundo e o “mundo de dois terços”; o mundo industrializado e o mundo em vias de desenvolvimento. Devemos também reconhecer que existe muita pobreza e subdesenvolvimento no chamado “primeiro mundo” e que existem focos de riqueza e opulência no chamado “terceiro mundo.”

68. As nossas situações sociais e económicas são muito mais complexas do que aquilo que pode ser captado por quaisquer designações ou dados estatísticos. Mas, apesar disso, algumas generalizações também são verdadeiras e importantes. Aqueles de nós que vivem no Norte global consomem mais, desperdiçam mais e militarizam mais do que aqueles de nós que se situam na segunda categoria. Nós, no Norte devemos assumir a responsabilidade pelos estragos ambientais que temos causado, aquilo a que muitos agora chamam a nossa “dívida ambiental ou dívida ecológica”.³⁷ Temos de ter em conta a nossa procura vã de segurança através das armas e da violência.³⁸ Além disso, devemos confessar a avidez e o egoísmo que nos incita a procurar obter o nosso próprio conforto enquanto ignoramos os necessitados.

69. Reconhecemos também que “nenhuma nação ou cultura é absolutamente justa e recta no seu tratamento do seu próprio povo”.³⁹ Nós, os do Sul global temos de reconhecer a corrupção que ameaça as nossas sociedades. Tal como os nossos irmãos e irmãs do Norte, também nós temos de desafiar a procura da segurança pelas nossas nações, que é feita através do armamento. Quando gastamos recursos preciosos em armas, estamos a roubar os pobres dos nossos países. Confessamos o egoísmo e a avidez, que se torna pior em contextos de escassez.

70. Em conjunto, reconhecemos que temos recursos e dons que escondemos ‘debaixo do alqueire’ (Mateus 5:15) em vez de os utilizar para a glória de Deus e em benefício da boa terra de Deus. Não nos dedicamos às oportunidades que temos para praticar a caridade e a justiça. Também não temos encorajado os dons e a energia dos nossos jovens, não os envolvendo no trabalho de edificação comunitária, de liderança e de desenvolvimento. E, não temos feito o suficiente, para pôr cobro à violência contra as mulheres e as crianças. Por vezes, deixamo-nos levar pelo desespero, perdendo de vista a presença de Deus entre nós e não ouvindo quando Deus nos chama. Pedimos a ajuda e a graça de Deus à medida que nos afastamos das práticas perniciosas e nos empenhamos no desígnio de Deus de renovação para todos.

De corações abertos, oramos

71. Concede-nos a sensatez para compreendermos como somos frágeis e dependentes e ligados,
que na indulgência da destruição dos outros,
nos destruimos inevitavelmente a nós próprios.
Dá-nos a graça para sermos gratos por aquilo que temos,
e a boa vontade para partilhar.
Enquanto a nossa igreja trabalha no mundo,
Faz com que ela se interesse mais
pelo teu reino de justiça
do que pela sua própria sobrevivência,
a fim de que o mundo possa transformar-se num local mais afável, mais doce,
mais seguro, para nele vivermos.⁴⁰

De corações abertos, respondemos à graça de Deus

72. Não podemos contar com a nossa própria compreensão do objectivo e da nossa própria força para realizar este trabalho de renovação. Em vez disso, precisamos absolutamente de “recursos transcendentés”. Voltamo-nos para Deus para que nos instrua, nos infunda e nos inspire. Procuramos “a parceria e a participação do Espírito divino”. No entanto, “a *humanidade* não pode por si própria iniciar esta relação. Não podemos produzir a aliança [com o Criador], dado que a iniciativa tem de vir do outro lado... E o nome desta iniciativa que vem do outro lado é *graça*.”⁴¹

73. John Wesley considerava que a graça era “o amor de Deus pela humanidade manifestada em Cristo”. Quando abrimos os nossos corações para receber esta graça, o perdão e a renovação tornam-se possíveis.⁴² No entanto, a renovação da nossa pessoa é incompleta. O primeiro passo é respirar na graça de Deus; depois, também devemos exalar a graça de Deus para o mundo. Ao fazermos isso, passamos a ser um canal da bênção de Deus. Sentimos a sinergia (trabalhando em conjunto) entre a graça de Deus e a nossa resposta humana. Continuamos com o intuito de restaurar a imagem de Deus na humanidade e para contribuir para a renovação da criação. E, celebramos a presença do Espírito Santo, que é “chamado 'santo' [precisamente] porque santifica a vida e renova a face da terra”.⁴³

De mãos abertas, fazemos o trabalho para o qual Deus nos chama

74. A fim de vivermos plenamente à imagem de Deus, a promessa de Deus deve passar a ser o nosso objectivo. Respondemos ao gemido da criação e à sua visão de renovação ao transformarmo-nos num canal da bênção de Deus. Abrimos os nossos corações para receber a graça de Deus e abrimos as nossas mãos como resposta para fazermos o trabalho para o qual Deus nos chama. O que significa verdadeiramente, passarmos a ser instrumentos do Espírito de Deus para a renovação da criação? Esta pergunta não é nova. De facto, é uma variante da pergunta que foi feita a Jesus muitas vezes. “Mestre, que farei para herdar a vida eterna?” (Lucas 10:25). Jesus responde com o mandamento do amor duplo: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo, semelhante a este é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. (Mateus 22:37-39). Participar no trabalho de renovação de Deus parece o amor que sai e brilha na acção.

75. *Amamos a Deus prestando atenção à criação de Deus.* Prestamos atenção à pobreza, à degradação do ambiente e às armas e à violência. Negligenciar estes males e aqueles que sofrem os seus efeitos é contrário ao amor. Respondemos ao mandamento de Jesus prestando atenção ao nosso mundo. E começamos a transformarmo-nos em instrumentos da renovação de Deus ao aprofundarmos a nossa consciência espiritual como mordomos fiéis e virando a nossa atenção para o mundo que Deus ama.⁴⁴

76. *Amamos a Deus e ao nosso próximo através da prática de um respeito compassivo.*⁴⁵

Oferecemos os nossos cuidados e a nossa solicitude, providenciamos assistência e conforto conforme necessário. Mas, também respeitamos aqueles de quem cuidamos como indivíduos ao qual estes têm direito. Respeitamos a terra, sabendo que não é nossa para saquear. Respeitamos aqueles que sofrem da pobreza e da doença, concedendo-lhes uma autonomia total para determinar as suas próprias necessidades e o caminho para o seu bem-estar. Respeitamos as vítimas da violência ao apoiarmos a sua luta por uma paz justa. Em suma, “trabalhar para criar sociedades nas quais o valor de cada pessoa é reconhecido, mantido e fortalecido”.⁴⁶

77. *Amamos a Deus e ao nosso próximo modificando o nosso comportamento.* Não

podemos ser instrumentos do amor se nos agarrarmos ao egoísmo e à avidez. Jesus apela para que amemos, mas também nos chama à conversão, a uma mudança radical do nosso estilo de vida e atitude. A sua mensagem é clara: Não podemos ajudar o mundo até que mudemos a nossa forma de estarmos nele.

78. *Amamos a Deus e ao nosso próximo confrontando aqueles que fazem o mal.* Devemos

não só responder ao sofrimento já criado, mas também lançando um desafio às pessoas, às empresas e aos governos que continuam a explorar os fracos, a destruir a terra, a perpetuar a violência e a fabricar mais armas. Seguimos o exemplo de Jesus de confrontar as autoridades sem recorrer à violência, usando a força do amor.⁴⁷ E aderimos aos nossos Princípios Sociais, que afirmam o “direito dos indivíduos de diferir de opinião quando actuam sob as restrições da sua consciência”.⁴⁸

79. Todos aqueles que já sentiram o verdadeiro amor reconhecem o seu poder. Olhando para

o mundo através dos olhos da fé, podemos ver que o amor está a trabalhar, transformando um lote abandonado num jardim comunitário, transformando uma criança mal cuidada numa criança saudável e feliz e, transformando as pessoas em situação de guerra em comunidades empenhadas na reconciliação. Somos testemunhas do trabalho de renovação de Deus nestes focos de transformação. E participamos nesse trabalho de renovação da criação vivendo plenamente como discípulos de Cristo, pessoas cujo amor por Deus e pelo próximo brilha na acção.

Apelo à Esperança e à Acção

80. John Wesley insistia que, “O evangelho de Cristo não conhece nenhuma religião, senão a religião social. Nenhuma santidade, a não ser a santidade social. A fé a trabalhar através do amor é o comprimento e a largura e a profundidade e a altura da perfeição cristã”. (Prefácio aos *Hinos e Poemas Sagrados [Hymns and Sacred Poems]*, 1739, ¶ 5). A nossa fé não é apenas uma fé privada, mas sim uma fé que também nos orienta para Deus e para as necessidades do nosso próximo e do mundo. Numa altura em que as pessoas são cínicas sobre a religião, nós os metodistas unidos temos de continuar a actuar com base na nossa herança rica em “fé que actua através do amor” como um exemplo da capacidade da igreja de fazer uma diferença positiva no mundo.

81. Os líderes e os membros da nossa denominação têm uma longa tradição de falar com honestidade ao poder, nomeando as injustiças e defendendo as boas relações e a partilha justa entre os todos os povos de Deus. Actualmente, os metodistas unidos protestam contra o racismo e o abuso que incide sobre os imigrantes ilegais e desafiam as autoridades locais e federais para manterem uma democracia aberta a todos os povos. No estado de Arizona, a Bispo Minerva Carcaño juntou-se a milhares de pessoas em sinal de protesto. No estado do Texas, as Mulheres Metodistas Unidas e a Junta Geral de Igreja e Sociedade organizaram vigílias inter-religiosas de oração que incluíam pessoas provenientes de dez países diferentes.

82. Todos os dias, sentimos a energia de milhares de ministérios na nossa conexão metodista unida. Somos fortalecidos e inspirados pelo projecto da Toberman Neighborhood House em San Pedro, no estado da Califórnia, que oferece serviços de prevenção e de intervenção de luta contra os gangs, serviços de aconselhamento familiar e de saúde mental, assistência à infância e serviços de organização comunitária. Esta instituição, a Toberman House, faz parte de uma centena de instituições nacionais de missão e foi fundada pelas mulheres de tradição metodista em 1903 e ainda hoje é apoiada pelos donativos para missão das Mulheres Metodistas Unidas.

83. Hoje em dia, estamos cada vez mais conscientes do papel influente que os jovens estão a desempenhar para transformar as nossas sociedades e para desafiar a nossa igreja a viver os seus compromissos para com a justiça social, o cuidado a prestar à criação e a paz. Todos os anos, por exemplo, jovens adultos estagiários no Micah Corps, na Conferência Anual de Nebraska deixam-se absorver completamente pelo ensino, formação e princípios de defesa da justiça social, em nome dos pobres e das pessoas marginalizadas do seu estado.

84. Durante os numerosos eventos de escuta e de aprendizagem que inspiraram a Carta Pastoral e o Documento de Fundamentação, os participantes fizeram muito mais para além de exprimirem as suas preocupações sobre a pobreza e a doença, a degradação do ambiente e as armas e a violência. Quer tivessem 10 ou 100 anos de idade, todos exprimiram o seu desejo profundo de actuar de alguma forma sobre estes problemas e a sua grande esperança de que a mudança é possível. Estas conversas levaram à consciencialização e sensibilização sobre vários aspectos, que se enumeram a seguir:

1. Devemos estudar, observar, aprender e ouvir-nos uns aos outros, especialmente as vítimas destas ameaças. Alguns de nós estão verdadeiramente conscientes destes problemas, mas menos conscientes das suas inter-relações e ainda menos conscientes das nossas relações e cumplicidade pessoais ou da situação intensa de urgência relativamente ao que já está a acontecer nas nossas comunidades. Devemos ouvir os nossos jovens com especial atenção, porque os seus conhecimentos, a sua consciência e a sua paciência para actuar, podem incutir energia e inspiração em todos nós.
2. Podemos sentir uma nova energia e ser renovados espiritualmente pelos exemplos da nossa própria herança e experiência wesleyana e metodista unida. Fazemos parte de uma denominação extraordinária cujo potencial de transformação já se encontra activo e ágil nos milhares de contextos de ministérios, incluindo nos sectores das legislaturas, dos parlamentos e dos congressos ou das assembleias legislativas.
3. Precisamos de uma palavra contínua de esperança enquanto seguimos a Wesley nas ruas e nas comunidades para enfrentar coisas desagradáveis e difíceis e juntarmo-nos a outras pessoas que trabalham a bem da justiça, da paz e da integridade da criação.⁴⁹
4. “Mas a Deus tudo é possível”. (Mateus 19:26). Temos uma esperança imensa e esta crescerá à medida que estudarmos, actuarmos e nos ligarmos uns aos outros.

85. Nós, como vossos Bispos, estamos empenhados em tudo isto de alma e coração e enunciámos vários compromissos e nove promessas específicas na nossa Carta Pastoral. Eis aqui o nosso encorajamento para todas as pessoas de fé e boa vontade considerarem e ponderarem estes apelos à acção.

86. *Vamos ordenar as nossas vidas em direcção à visão sagrada de Deus*

- Renovemos a nossa compreensão sobre a visão sagrada de Deus para a paz, os povos e o planeta Terra.
- Começemos por uma transformação espiritual pessoal reivindicando a “comissão” como guardiões fiéis e cheios de esperança com um poder e uma energia renovados;
- Estabeleçamos e formemos pequenos grupos para apoiar as práticas da oração, do estudo, da empatia e da acção;
- Compilemos, celebremos e partilhemos histórias de casos de progresso, de melhoramento, de esperança e de lutas; compartilhemolas no seio das comunidades, das congregações e das regiões;
- Fortaleçamos as disciplinas espirituais a nível particular e em pequenos grupos e prestemos atenção à orientação do Espírito Santo;
- Identifiquemos devotamente em oração as responsabilidades específicas para a acção e a transformação urgentemente necessitadas nas *nossas* regiões ou contextos (Sul global ou Norte global, urbano ou rural, poderoso ou vulnerável, hospedeiro ou hóspede).

87. *Vamos praticar a santidade social e ambiental*

Pratiquemos a santidade pessoal e social juntando-vos a nós, à medida que:

- Nos organizamos no seio das nossas congregações particulares para estudar e planear aquilo que podemos fazer como indivíduos e como membros das nossas igrejas (por exemplo, as “equipas verdes” congregacionais invocando o conhecido refrão: *Pensar a nível global, actuar a nível local*);
- Nos inteiramos sobre as posições da Igreja Metodista Unida sobre estas questões e consideramos as numerosas opções de repostas e de acções recomendadas pela nossa Conferência Geral⁵⁰;
- Actualizamos os nossos conhecimentos sobre a proliferação nuclear, os projectos de legislação em curso, as convenções e os tratados, assim como os períodos de tempo críticos para alcançar a existência de um mundo verdadeiramente seguro sem armas nucleares;
- Nos juntamos no seio da nossa própria comunidade a grupos já activos em ministérios a bem da paz, da saúde e da justiça, incluído a energia, a imigração, o consumeirismo, a discriminação e o crescimento populacional;

- Exigimos que os responsáveis públicos e os decisores nos governos locais e nacionais nos dêem conta das suas acções e medidas para eliminar os obstáculos à existência de comunidades prósperas e sustentáveis.

88. E praticar a santidade espiritual connosco, à medida que:

- Conservamos os recursos naturais e consumimos apenas os recursos renováveis em todas as reuniões e todos os ministérios das nossas congregações e da nossa Igreja;
- Entramos em parcerias com outros grupos já activos na defesa da criação de Deus ensinando os outros, oferecendo a nossa participação como voluntários em projectos e orientando os jovens e as crianças sobre as formas que permitem continuar esta transformação;
- Actuamos reciprocamente com os responsáveis pelo poder em relação às políticas comunitárias, nacionais e internacionais a fim de modificar os sistemas e as estruturas que destroem, esgotam ou danificam a Terra.

89. *Vamos aprender uns com os outros e praticar um exame de consciência em oração*

- Alarguemos a nossa compreensão sobre estes problemas e a nossa responsabilidade para com eles;
- Aprofundemos a nossa relação com aqueles que são mais afectados pelo trio de ameaças inter-relacionadas, avaliemos a nossa cumplicidade com as suas causas e desafiemos aqueles que ignoram a sua gravidade;
- Aprendamos a como praticar a “santa insatisfação” wesleyana, e
- Tomemos medidas concretas como parte do movimento misericordioso de Deus neste mundo destruído.

90. *Vamos viver e actuar com esperança*

Para nós, renovar a criação é um acto de discipulado. É o trabalho que somos chamados a realizar, e Aquele que nos chama também nos acompanha para que possamos viver uma sinergia da graça e da responsabilidade humana. Agora mesmo Deus está “a fazer algo de novo” e nós somos convidados a servir o desígnio divino da renovação da criação. Apesar das ameaças que estas forças inter-relacionadas apresentam, recusamo-nos a ser dominados pelo medo. Navegando sobre as águas do mar com os seus discípulos, Jesus admoestou-os (e a nós) para vivermos com fé e não com medo (Marcos 4:35-41). O seu ministério no mundo oferece um

modelo para resistir às forças que nos encham de medo sem sucumbirmos nem usarmos o terror. E a sua ressurreição assegura-nos da nova vida que virá, da nova vida para cada elemento da criação seja quais forem as suas feridas. O Deus que ressuscitou Jesus dos mortos é o Deus que sopra a nova vida em todos os aspectos do nosso mundo destruído.

91. Enfrentar estes problemas complexos e difíceis forçar-nos-á a praticar a “esperança responsável”, a qual permanece aberta à promessa e ao perigo. “E, tendo em conta as experiências da vida, esmagadoras tantas vezes, devemos praticar a esperança com frequência, por partes, às vezes a sofrer e a gritar e às vezes a celebrar. O efeito cumulativo... é uma disposição que gera e sustém a acção moral porque presta atenção às possibilidades e às limitações. Mantém o espírito a boiar e enrijece o corpo”.⁵¹

92. Incluem-se neste documento e no website listas de recursos essenciais, outros recursos valiosos online e as Resoluções principais do *Livro de Resoluções Metodista Unido [The United Methodist Book of Resolutions]* que são ricos em ideias sobre acções a empreender e em materiais didácticos. Uma barra cronológica para os estudos, a planificação das acções nas congregações e nas conferências e sugestões sobre maneiras de manter o contacto para partilhar as histórias de casos e experiências de luta, de progresso e de esperança, também estão incluídos.

Conclusão com uma Palavra de Esperança e a Bênção

93. Este caminho é longo e o trabalho é árduo; por isso, devemos considerar cada acção que levamos a cabo, como uma *prática de esperança*. Através destas acções, pomos em prática a nossa fé neste processo divino da renovação da criação. Agimos em resposta à Graça de Deus, como seguidores de Jesus Cristo e em parceria com o Espírito Santo. Por conseguinte, as nossas acções reforçam uma posição de esperança que molda o nosso carácter como povo da ressurreição, um povo que acredita que a morte e a destruição não têm a última palavra, um povo que sabe que a renovação e a reconciliação estão a chegar, um povo com a paixão pelo que é possível. Através de todas as acções para erradicar a pobreza e a doença, pôr fim à destruição do nosso mundo natural e acabar com a nossa dependência das armas e da violência, pomos a nossa esperança em prática e vivemos a fé que nos ampara.

94. Concluimos este Documento de Fundamentação com uma bênção, que faz lembrar a respiração espiritual de Wesley.

Respirai na graça e no amor de Deus.

Senti a respiração renovar o vosso espírito e reanimar a vossa alma.

E exalai, em palavras e em acções, a graça e o amor em todo o mundo.⁵²

¹ O Concílio de Bispos da Igreja Metodista Unida, *In Defense of Creation: The Nuclear Crisis and a Just Peace [Em Defesa da Criação: A Crise Nuclear e uma Paz Justa]*, “Uma Carta Pastoral a Todos os Metodistas Unidos” (Nashville: Abingdon, 1986).

² Michael Kinnamon, Secretário-Geral, National Council of Churches [Conselho Nacional das Igrejas], 10 de Março de 2009, durante o encontro de “People of Faith United for Justice” [Pessoas de Fé Unidas a Bem da Justiça], patrocinado pelo Wisconsin Council of Churches/Interfaith Partners [Conselho das Igrejas e Parceiros Inter-Religiosos do Estado de Wisconsin].

³ *In Defense of Creation: The Nuclear Crisis and a Just Peace [Em Defesa da Criação: a Crise Nuclear e uma Paz Justa]*.

⁴ Resolução no. 367, do 2004 *Book of Resolutions [Livro de Resoluções de 2004]* (Resolução no. 8004, do Livro de Resoluções de 2008, pág. 915).

⁵ *In Defense of Creation: The Nuclear Crisis and a Just Peace [Em Defesa da Criação: a Crise Nuclear e uma Paz Justa]*.

⁶ Em 2002, o Reverendo Dr. William Sloane Coffin, referindo-se a um trio político de ameaças, disse o seguinte, “Um trio mais provável e muito mais perigoso seria a degradação do ambiente, a pobreza a nível de pandemia e um mundo inundado de armas”. *The Chautauqua Appeal [O Apelo de Chautauqua]*, com Joan Brown Campbell e Stephen J. Sidorak, Jr.

⁷ Dr William Sloane Coffin, Jr., evocando um “eixo do mal” geopolítico disse, “Um trio mais provável e muito mais perigoso seria a degradação do ambiente, a pobreza ao nível de pandemia e um mundo inundado de armas”. *The Chautauqua Appeal to the Religious Communities of America*, 2002.

⁸ Adaptado da obra do Bispo Dale White, “Riding out the Perfect Storm: Communities of Faith Navigate a Scorching Earth”, Marco de 2009 para a Junta Geral de Igreja e Sociedade e por ocasião dos Dias da Defesa Euménica [Ecumenical Advocacy Days], Washington, D.C.

⁹ Center for Defense Information [Centro de Informações sobre Defesa]. Obtido a partir de: <http://www.cdi.org/program/document.cfm?DocumentID=2996>

¹⁰ Conferência Central da Filipinas, Audiência pública sobre o documento “Em Defesa da Criação” (13 de Fevereiro de 2008).

¹¹ <http://www.landmine-action-week.org/statistics.htm>

¹² “U.S. Geological Survey report on consumption of explosives” [“Relatório sobre o consumo de explosivos pelo Gabinete de Pesquisas Geológicas e Mineiras dos Estados Unidos] em: <http://minerals.usgs.gov/minerals/pubs/commodity/explosives/600401.pdf>.

¹³ Reverendo Sam Dixon, citado por Melissa Hinnen, “O Escritório de Socorros nas Filipinas Oferece Ajuda e Esperança”, 28 de Julho de 2009.

¹⁴ Paul Tillich, “The Right to Hope: A Sermon” [“O Direito à Esperança: um Sermão”] na obra de *Paul Tillich: Theologian on the Boundaries*, ed. Mark Kline Taylor (Minneapolis: Fortress Press, 1991): 327.

¹⁵ “Works” refere-se a: *The Works of John Wesley [As Obras de John Wesley]*. (Nashville: Abingdon Press) (Bicentennial Edition).

¹⁶ Oração do Culto de Abertura das Celebrações do Quadragésimo Ano, Colégio Teológico Unido das Índias Ocidentais [United Theological College of the West Indies].

¹⁷ “The Natural World” [“O Mundo Natural”] Social Principles of The United Methodist Church [Princípios Sociais da Igreja Metodista Unida], ¶ 160.

¹⁸ Walter Brueggemann, *Living Toward a Vision: Biblical Reflections on Shalom [Vivendo para uma Visão: Reflexões Bíblicas sobre Shalom]* (New York: United Church Press, 1982).

¹⁹ James Nash, *Loving Nature: Ecological Integrity and Christian Responsibility [Amar a Natureza: Integridade Ecológica e Responsabilidade Cristã]* (Nashville, Abingdon, 1991): 131.

²⁰ <http://www.oikoumene.org/en/resources/documents/central-committee/geneva-2008/reports-and-documents/public-issues/minute-on-global-warming-and-climate-change.html>

²¹ “Global Warming and the Poor: A sheet by the Evangelical Environmental Network” [“O Aquecimento Global e os Pobres: Uma Ficha Informativa da Rede Ambiental Evangélica”], 19/09/08

²² Liberato Bautista, President of the Conference of Non-Governmental Organizations in Consultative Relationship with the UN (Presidente da Conferência de Organizações Não Governamentais em Relação de Consultoria com a ONU), num discurso apresentado ao Civil Society Development Fórum (Fórum para o Desenvolvimento da Sociedade Civil), 2 de Julho de 2009, Genebra.

²³ Dwight D. Eisenhower, 16 de Abril de 1953, “Chance for Peace” (“A Possibilidade da Paz”), um discurso pronunciado na American Society for Newspaper Editors (Sociedade Americana dos Editores de Jornais).

²⁴ Testemunho de John Hill, Director of Economic and Environmental Justice GBCS [Director de Justiça Económica e Ambiental de GBCS], perante o subcomité de Energia e Comércio da U.S. House of Representatives [Câmara dos Representantes dos Estados Unidos] sobre “Climate Legislation” (“Legislação Climática”) em:

www.umc-gbcs.org/site/apps/nlnet/content2.aspx?c=frLJK2PKLqF&b=3631941&ct. O Sr. Hill baseou-se no Comunicado do Colégio de Bispos Africanos (Communiqué of the African College of Bishops), Setembro de 2008.

²⁵ *The Chautauqua Appeal to the Religious Communities of América [O Apelo de Chautauqua às Comunidades Religiosas da América]*, 2002 (Ver a Nota 1.).

²⁶ Barack Obama, Remarks by President Barack Obama [Observações pelo Presidente Barack Obama], Hradcany Square, Praga, República Checa, 5 de Abril de 2009

²⁷ George Shultz, Henry Kissinger, Sam Nunn e William Perry suscitaram uma estrutura política de resistência através de dois ensaios de fundo publicados pelo Wall Street Journal, o primeiro em Janeiro de 2007 seguido pelo segundo em 2008. Consultar www.nuclearsecurityproject.org, para ficar a conhecer os objectivos específicos promovidos pelos quatro autores conjuntos.

²⁸ “A Message to the People of The United Methodist Church” [“Uma Mensagem ao Povo da Igreja Metodista Unida”], do Presidente do Concílio de Bispos, do Presidente da Mesa dos Secretários Gerais e do Presidente da Mesa Conexional. Fevereiro de 2009.

²⁹ O Chefe Seattle, membro da Tribo Duwamish, era um líder sensato, eloquente e corajoso dos índios Suquamish da área de Puget Sound nos Estados Unidos. Estas palavras pertencem ao seu famoso discurso proferido em 1854 para o Presidente dos Estados Unidos, Franklin Pierce: “*Deve ensinar aos seus filhos que o chão que pisam é formado pelas cinzas dos nossos avós. Para que eles respeitem a terra, diga aos seus filhos que a terra é rica das vidas dos nossos irmãos. Ensine aos seus filhos que a terra é a nossa mãe e que tudo aquilo que sucede à terra, sucede aos filhos da terra*”.

³⁰ Consultar, por exemplo, “Women, Gender Equality, and Climate Change” [“Mulheres, Igualdade entre os Sexos e Mudança Climática”] WomenWatch: Information and Resources on Gender Equality and Empowerment of Women, United Nations. http://www.un.org/womenwatch/feature/climate_change/. Acedido a 30 de Outubro de 2009.

³¹ “FAO Strategies for Improving Food Security” [Estratégias da Organização para a Alimentação e Agricultura (FAO) para Melhorar a Segurança da Alimentação] UNESCO, em http://www.unesco.org/education/tlsf/TLSF/theme_c/mod14/uncom14t04s01.htm. Acedido a 30 de Outubro de 2009.

³² “Rape in Times of Conflict and War” [A Violação em Tempos de Conflito e de Guerra]. Uma Resolução da Junta Geral de Ministérios Globais aprovada pela Conferência Geral de 1996 da Igreja Metodista Unida. <http://gbgm-umc.org/mission/resolutions/rapewar.html> Acedido a 30 de Outubro de 2009.

³³ “Women Worldwide Remain Victims of Domestic Violence” [“As Mulheres em Todo o Mundo Continuam a Ser Vítimas de Violência Doméstica”] 5 de Março de 2008, comunicado do Banco Mundial sobre o relatório da Organização Mundial de Saúde, em <http://youthink.worldbank.org/4teachers/pdf/gender/story-domesticviolence.pdf>. Acedido a 30 de

[Outubro de 2009.](#)

³⁴ Banco Mundial (para as estatísticas de 2005) e o Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (para a lista dos itens, de 1998); obtidos de: <http://www.globalissues.org/issue/235/consumption-and-consumerism>

³⁵ Maude Barlow, “Water as Commodity - The Wrong Prescription” [“A Água como uma Mercadoria – A Prescrição Errada”], *The Institute for Food and Development Policy*, Backgrounder, Verão de 2001, Vol. 7, No.3. Obtido em: <http://www.globalissues.org/article/26/poverty-facts-and-stats#src30>.

³⁶ “Conventional Arms Transfers to Developing Nations, 2000-2007” [“Transferências de Armas Convencionais para as Nações em Vias de Desenvolvimento, 2000-2007”], U.S. Congressional Research Service. Obtido em: <http://www.globalissues.org/article/74/the-arms-trade-is-big-business>

³⁷ Consultar, por exemplo, “Statement on Eco-Justice and Ecological Debt” [“Declaração sobre Ecojustiça e Dívida Ecológica”], World Council of Churches (9 de Fevereiro de 2009).

³⁸ “In Search of Security” [“Á Procura da Segurança”], publicado pelo United Methodist Council of Bishops Task Force on Safety and Security, 2004 [Grupo de Trabalho sobre Protecção e Segurança do Concílio de Bispos Metodistas Unidos].

³⁹ Princípios Sociais ¶165.A.

⁴⁰ Vigésimo Quinto Culto Anual da Conferência das Igrejas das Caraíbas (Twenty-Fifth Annual Service of the Caribbean Conference of Churches)

⁴¹ Theodore Runyon, *The New Creation: John Wesley's Theology Today [A Nova Criação: A Teologia de Hoje de John Wesley]* (Nashville: Abingdon Press, 1998): 22-23.

⁴² Runyon, 26.

⁴³ Jurgen Moltmann, *The Spirit of Life: A Universal Affirmation [O Espírito da Vida: Uma Afirmação Universal]* (Minneapolis: Fortress Press, 1992): 7-8.

⁴⁴ Recurso: Sallie McFague. Nos guias de estudo de acompanhamento, poderemos fornecer recursos adicionais para cada um destes pontos. As obras de McFague (particularmente, *Super, Natural Christians [Cristãos Super, Naturais]*), são exemplos dos recursos, especificamente para este ponto.

⁴⁵ Margaret Farley, *Compassionate Respect: A Feminist Approach to Medical Ethics and Other Questions [Respeito Compassivo: Uma Abordagem Feminista a Ética Médica e Outras Questões]* (New York: Paulist Press, 2002).

⁴⁶ Princípios Sociais, “A Comunidade Social”, ¶ 162.

⁴⁷ Walter Wink, *The Powers that Be: Theology for a New Millennium [Os Poderes que São: Teologia para um Novo Milénio]* (New York: Doubleday, 1999).

⁴⁸ Princípios Sociais, “A Comunidade Política” ¶164.F.

⁴⁹ Esta linguagem é proveniente do “Initial Statement toward an Ecumenical Declaration on Just Peace” (“Declaração Inicial para uma Declaração Ecuménica de Paz Justa”), que faz parte da convocação de paz do Conselho Mundial de Igrejas, que está planeada para 2011.

⁵⁰ Consultar “Sampling of Related Resolutions of The United Methodist Church” (“Amostragem de Resoluções Relacionadas da Igreja Metodista Unida”) no Anexo a este documento.

⁵¹ Ellen Ott Marshall, *Though the Fig Tree Does Not Blossom: Toward a Responsible Theology of Christian Hope [Apesar das Figueiras não Florirem: Para uma Teologia Responsável de Esperança Cristã]*; (Abingdon Press, Nashville: Abingdon Press, 2006): p. 107.

⁵² Ellen Ott Marshall, “Benediction” [“Bênção”], Claremont School of Theology Chapel (30 de Abril de 2009).